

## Visibilidade e Subjetividade na Contemporaneidade<sup>1</sup>

Juliana Martins Evaristo da Silva<sup>2</sup>

Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

### Resumo:

Neste texto abordamos a relação que se estabelece na contemporaneidade entre visibilidade e subjetividade, tendo como objeto a imbricação presente na fotografia contemporânea entre arte e vida e o uso das imagens para a construção de si no Orkut. Este movimento é decorrente de um processo de subjetivação cada vez mais calcado na exterioridade da imagem, questionando a interioridade como o lugar do segredo e da verdade do sujeito. Acreditamos que haja uma convergência das estratégias da fotografia contemporânea, no que concernem as narrativas do eu e o enfoque do cotidiano, e o uso das imagens na construção da identidade pessoal no Orkut. Se a vida migrou de alguma forma para o campo da arte, encontramos também aspectos estéticos na construção de si neste dispositivo do ciberespaço.

Palavras-chave: Visibilidade; Subjetividade; Fotografia; Orkut; Exposição da intimidade

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom

<sup>2</sup> Historiadora, formada pela PUC- Rio, e doutoranda do curso de Comunicação e Cultura da ECO/UFRJ, mestre em Comunicação e Cultura pela mesma universidade e especialista em Fotografia como instrumento de pesquisa nas Ciências Sociais pela UCAM.

O processo de subjetivação contemporâneo, diferentemente do moderno, baseia-se na exacerbação do uso das imagens na relação com o mundo, com os outros indivíduos e consigo mesmo. Se o ideal moderno contrapunha essência e aparência em favor da primeira, a contemporaneidade parece não opor verdade e imagem, reconfigurando as fronteiras entre real e ficção, público e privado. O que assistimos é o declínio da idéia de sujeito como uma interioridade em prol de uma subjetividade constituída na exterioridade, na superfície da imagem. Esse movimento toma corpo especialmente nas relações mediadas pelas novas tecnologias da imagem e informação. Mas também se apresenta na importância concedida à moda, à criação de um estilo pessoal e às cirurgias plásticas. Cada vez mais o que cada um é passa pela sua criação imagética – o eu como imagem auto-definida, mutável, instável e articulada com o consumo de bens materiais e simbólicos. Portanto, é importante a compreensão do que nos comunicam as escolhas estéticas constitutivas da produção de identidade na era da espetacularização do eu.

A análise de Walter Benjamin acerca da modernidade, entre outras coisas, aponta a construção da interioridade psicológica moderna como contraponto a um mundo exterior cada vez mais pautado pela transitoriedade e pela efemeridade, marcas do espaço urbano que se desenvolve com as grandes metrópoles na modernidade. Este movimento é decorrente, em grande medida, de uma consciência temporal que evidencia a anulação característica de nossa historicidade. A partir do século XIX passamos a vivenciar os elementos da diacronia de forma mais acentuada. Assim, o indivíduo moderno buscava um refúgio no interior do lar burguês, local onde poderia deixar suas marcas, construindo um sentido para sua existência. Neste espaço interior é que eram guardadas suas relíquias, tais como: estojos, caixinhas, miniaturas, o álbum familiar, lenços bordados com as iniciais de seu proprietário; relíquias que deveriam assegurar que o indivíduo deixaria seu rastro no mundo, sendo o veludo o material preferido da casa burguesa, por acolher o toque e por conservar sua marca. No entanto, a análise benjaminiana, do interior burguês como metáfora da interioridade psicológica, antevê sua transição: “o veludo deixa lugar, doravante, ao vidro, este material transparente que não protege o privado, porém o expõe, este material ‘duro e liso’, ‘frio e sóbrio’, contrário ‘ao segredo’ e ‘a propriedade’, este material, enfim, no qual todo rastro se transforma em mancha a ser apagada”<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Gagnebin, Jeanne Marie. História e narração em Walter Benjamin. SP.: Perspectiva, 2007. Pág. 60.

O que pretendemos abordar neste texto é o movimento em torno da construção imagética de si que fez com que o álbum de família tenha migrado do âmbito do segredo do mundo privado para o espaço público midiático, bem como estudar a forma pela qual a fotografia contemporânea tem se debruçado sobre o cotidiano e a exposição da intimidade. Nosso objetivo é estudar a temática da visibilidade e subjetividade contemporânea, tendo como enfoque o cuidado de si como imagem nas práticas de artistas como: Sophie Calle, Nan Goldin, Cindy Sherman e Philip-Lorca diCorsia, os quais imbricam vida e arte, vivência e imaginários midiáticos, relacionando-os com como o eu vem sendo encenado no Orkut, prática próxima a dos blogs e fotologs, em que impera a exposição da intimidade. O Orkut possibilita e dialoga com a tendência contemporânea de interesse em torno do biográfico. Dessa forma, evidenciam-se pontos de convergência com os espetáculos de realidade e com a tendência da arte contemporânea de imbricar arte e vida.

Nikolas Rose em “Inventando nossos eus” se utiliza do instrumental teórico de Deleuze e propõe que a formação de sujeitos se dá no interior de agenciamentos, em que há a reunião de forças, movimentos e afectos com outros humanos, objetos e espaços. O autor ressalta que:

“É nesses agenciamentos que são produzidos os efeitos de sujeito, efeitos do fato de sermos – reunidos – em – um - agenciamento. A subjetivação é, assim, o nome que se pode dar aos efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar – ou operam para transformar – o ser humano em variadas formas de sujeito, em seres capazes de tomar a si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas e das práticas de outros sobre eles”<sup>4</sup>.

Segundo Nikolas Rose, se nos percebemos como o centro irradiador de nossas ações e desejos, isso ocorre devido “às formas pelas quais relações particulares do exterior têm

---

<sup>4</sup> Rose, Nikolas. “Inventando nossos eus.” In: Silva, Tomaz da. Nunca fomos humanos. Nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Pág. 143.

sido invaginadas, dobradas, para formar um lado de dentro ao qual um lado de fora deve sempre fazer referência”<sup>5</sup>.

Na modernidade as condições da dobra do de-fora num de-dentro se faziam a partir da articulação de um sujeito pertinente ao projeto moderno, associado aos ideais da razão absoluta, história unitária e progresso que se deu em sua forma mais acabada no século XIX, momento que se projetou a imagem do homem centrado e racional que dominava a natureza a partir da cultura e da ciência. Sua constituição se deu a partir de um longo processo que culminou com a formação da identidade moderna. No entanto, concomitantemente a esta construção, o século XIX viu emergir a teoria do inconsciente com a psicologia que justamente mostrava que o homem não era o senhor absoluto de sua razão. Na modernidade do século XIX, quando a subjetividade ganhou uma espessura temporal, com a idéia de que o sujeito é constituído pela história, o eu deveria fazer sentido no tempo. Dessa forma, os saberes e as ferramentas privilegiadas no período, para o estudo do sujeito, foram aquelas em que o passado tem sentido, com destaque para a psicanálise. A concepção de homem moderno apontava para uma profundidade guardiã de sua verdade, sua essência, escondida do imediatamente visível. O homem moderno tinha como alicerce de sua constituição o passado e a interioridade. Se nos afastamos hoje de alguns aspectos dessa formação identitária, também nos aproximamos quando nos percebemos como sujeitos psicológicos, mesmo pondo em dúvida algumas de suas características.

Desde o século XIX vem sendo descentrada a narrativa em torno do sujeito, caracterizando a crise da idéia do eu estável, unificado e interiorizado. Com a crescente valorização do visível para a constituição do eu, a mídia torna-se um lugar privilegiado de estudo do sujeito.

Paula Sibilia ao estudar os blogs, como uma forma atual de rememoração do vivido, destaca que tal prática se insere numa lógica e cronologia distintas de sua ancestral moderna – o diário íntimo. A este ponto a autora ressalta que:

“muitas vezes, as práticas persistem mas seus sentidos mudam, como alertou Foucault ao sentar as bases do método

---

<sup>5</sup> Idem, pág. 179.

genealógico de pesquisa histórico-filosófica. Do contrário, corre-se o perigo de naturalizar aquilo que é uma mera invenção, perdendo a ocasião de compreender toda riqueza da sua especificidade histórica e do seu sentido na formação social particular que a acolhe”<sup>6</sup>.

Sibilia expõe que as práticas modernas de introspecção e de relatos do eu, psicanálise, romance clássico, autobiografias românticas e o diário íntimo, valiam-se de metáforas da arqueologia, tendo, portanto, um desejo de escavação da interioridade constituída no tempo, em camadas. As metáforas contemporâneas dos relatos de vida incorporam os vocabulários da fotografia, do cinema e da informática, respectivamente, revelar, flashback, deletar. Com a utilização de tais metáforas fica claro que passamos a incorporar os imaginários midiáticos na forma como vivemos e fabulamos nossas vidas, promovendo um imbricamento entre ficção e realidade. Outro fator de distanciamento entre o diário íntimo do século XIX e os diários virtuais de hoje diz respeito ao fato de que os primeiros eram feitos realmente no âmbito da intimidade e do segredo enquanto que os atuais nascem com uma vocação exibicionista.

Para Fernanda Bruno<sup>7</sup>, a demanda pela exposição da intimidade na esfera pública midiática, incluídos os *reality shows*, os blogs e os fotologs, tem a ver com a substituição do olho público moderno, norteador pelo princípio do superego, promotor das funções de juiz e censor, para o de ego na atualidade, narcísico ao invés de edipiano. A autora lembra a importância do olhar do outro para a percepção do eu e a construção da subjetividade. Teorias provindas de diversas áreas corroboram sua constatação. Os historiadores Norbert Elias e Vigarello tecem a hipótese histórica de que o cuidado de si, em torno da higiene pessoal e da etiqueta, feito para o olhar do outro, sofreu um processo de interiorização entre a Idade Média e a era Moderna, codificando os costumes do processo civilizador. A psicanálise, em suas vertentes freudiana e lacaniana, e a teoria política com Hannah Arendt, ressaltam a importância da visibilidade na atestação da existência. As análises de Foucault sobre a modernidade evidenciam a relação entre

---

<sup>6</sup> Sibilia, Paula. “Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica”. In: **Olhares sobre a Cibercultura**. Lemos, André e Cunha, Paulo (orgs). Porto Alegre: Ed. Sulina, 2003.

<sup>7</sup> Bruno, Fernanda. “Quem está olhando? Variações do público e do privado em weblogs, fotologs e reality shows”. In: **Limiares da imagem: tecnologia e estética na cultura contemporânea**. Fatorelli, Antonio e Bruno, Fernanda (orgs). RJ: Mauad X, 2006.

subjetividade moderna e os dispositivos de visibilidade. O panóptico seria a máquina ideal do poder disciplinador, fazendo a divisão entre o ver e o ser visto.

A interioridade pode ser narrada historicamente, a partir de sua relação com o olhar do outro, mudando sua configuração a cada contexto diferente. O que evidencia uma arbitrariedade das fronteiras entre a interioridade e a exterioridade formadoras do indivíduo. Charles Taylor, no livro “As fontes do self”, aborda a constituição da identidade moderna a partir de sua genealogia. É uma história contada através de seus precursores no pensamento ocidental, buscando as bases da concepção de identidade vinculada a um lado de dentro. Da trajetória da construção histórica do eu como interioridade são destacados os filósofos Platão, Santo Agostinho e Descartes.

Platão foi o promotor da valorização da razão em detrimento dos sentidos para o governo de si. O que ganharíamos por meio da razão é o autodomínio, produzindo a unidade consigo mesmo. Apesar de sua contribuição para a articulação do self como unificado e de sua doutrina da hegemonia da razão em oposição à ação mundana, não encontramos em Platão a dicotomia dentro/fora. A sua ausência diz respeito a uma concepção de razão que almeja alcançar uma ordem superior – o Bem. Portanto, o que importa na verdade não é o que acontece no interior da alma, mas no que é eterno e imaterial, na exterioridade. Santo Agostinho, a partir da tradição platônica, converte as oposições espírito/matéria, superior/inferior, eterno/temporal, imutável/cambiante para a de interior/exterior. No entanto, a interioridade serve para se chegar a uma exterioridade – Deus. Taylor nos lembra que foi Santo Agostinho quem introduziu a interioridade da reflexão radical no pensamento filosófico ocidental, inaugurando o discurso em primeira pessoa. O caminho para a interioridade, segundo Santo Agostinho, é um caminho para Deus. Descartes foi o responsável por uma das mais importantes formulações acerca da internalização elaborada na era moderna. “Eu penso logo existo” – pressupõe uma certeza acerca do pensar, não do conteúdo. É uma consciência de si provinda do pensamento, o qual é o lugar de maior verdade do indivíduo. É ele quem primeiro pensou a idéia como conteúdo intrapsíquico. A realidade, para Descartes, só pode ser conhecida a partir de uma representação correta das coisas. Dessa forma, temos que objetificar o mundo, se queremos produzir um conhecimento verdadeiro sobre ele. A racionalidade é, portanto, uma propriedade interna do pensamento subjetivo, um voltar-se para dentro para se

descobrir uma ordem secularizada. Descartes elabora uma interioridade reflexiva e representacional, o self como uma interioridade que reflete sobre as representações de seu próprio pensamento. No entanto, é uma subjetividade comprometida com uma objetividade dada. O que Descartes inicia, e que será intensificado por Locke e Kant, é a postura de desprendimento decorrente da reflexão radical, ou a postura da primeira pessoa, ver-se como um self.

Fernanda Bruno sinaliza que estamos vivendo um momento inédito da relação entre visibilidade e subjetividade, em que o olhar do outro passa a ser demandado como legitimador da existência. Essa nova experiência de subjetividade se diferencia da experiência moderna. Na modernidade, sob a égide do olhar superegóico, o indivíduo deveria conter seus impulsos e desejos em prol da ordem social. É a idéia nietzschiana da civilização como interdição das pulsões da natureza. O olhar público moderno encarnava a lei e a norma, delimitando limites e interdições. O lugar do segredo e da intimidade se restringia à vida privada. Na contemporaneidade, com a mudança para o ideal de ego dominante na cultura, há a flexibilização das fronteiras entre público e privado, natureza e artificialidade. Os limites são alargados numa cultura menos normatizadora. A mídia passa a ser uma instância de legitimação social da intimidade. A mídia se torna nosso a priori de percepção do mundo e de nós mesmos. É nesse contexto que o cuidado de si passa a ser também um cuidado como imagem.

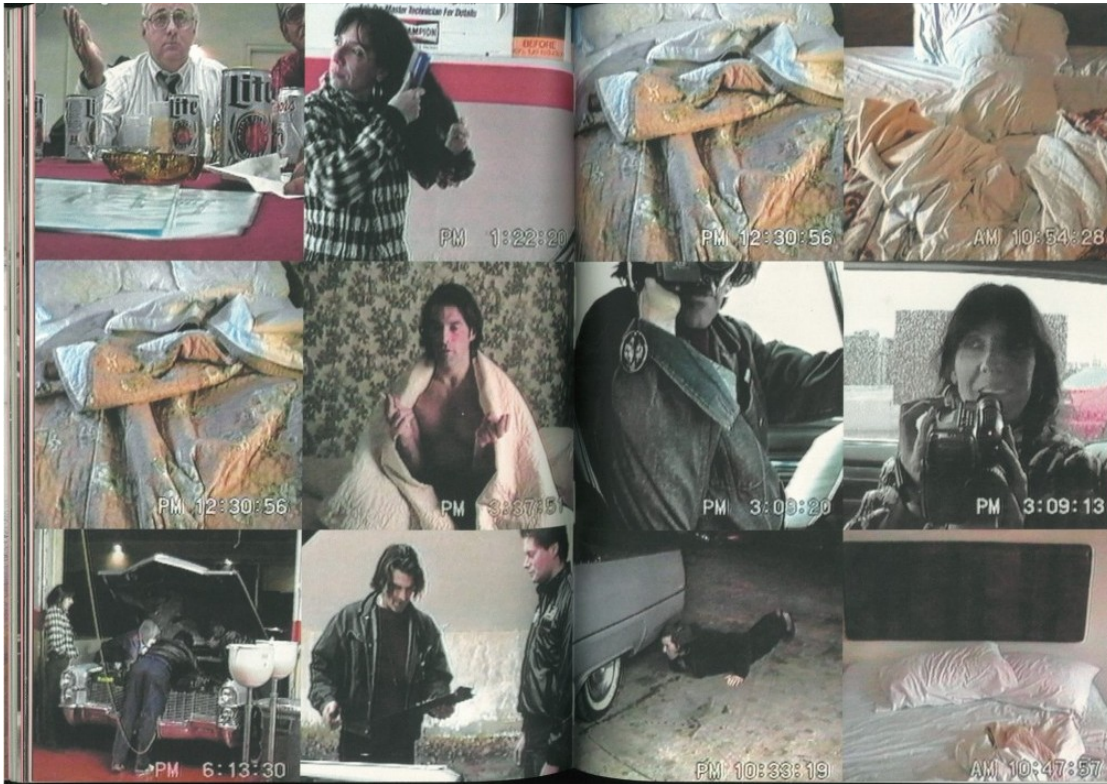
Um lugar privilegiado para a observação da construção das identidades atuais, em que se dá a experiência contemporânea, marcada por uma nova maneira de estar no mundo, com forte influência da construção imagética de si, é o site de relacionamentos denominado Orkut. Ele é uma rede social marcada pela visibilidade dos participantes. A visibilidade era uma garantia absoluta quando era necessário o convite de alguém já presente no dispositivo para um novo ingresso, fazendo com que o anonimato absoluto não fosse uma possibilidade. Hoje este mecanismo mudou, sendo possível o ingresso sem convite, mas o imperativo visual continua valendo com os estímulos para se aumentar a rede de amigos no dispositivo. Nele, os indivíduos criam seus perfis para interagirem uns com os outros. O perfil de cada um neste dispositivo da cibercultura é composto principalmente da imagem escolhida para a sua apresentação (podendo ser uma fotografia do próprio usuário ou qualquer imagem desejada), uma parte intitulada de “about me”,

em que se pode escrever sobre como você se vê, um álbum fotográfico com capacidade inicialmente para 12 imagens, hoje a capacidade para imagens aumentou consideravelmente, sendo possível a construção de vários álbuns fotográficos, que podem vir acompanhadas de comentários. Há também um espaço para a exibição de seus vídeos favoritos, o álbum com seus amigos dentro do dispositivo e suas comunidades. É interessante destacar que todos os dados dispostos pelos usuários podem ser trocados constantemente, sem compromisso com a referência. Esse é um espaço de sociabilidade que teve grande aceitação por parte do público brasileiro. A proposta do dispositivo é que os usuários façam o maior número de amigos possível e que ganhem popularidade contabilizada pela quantidade de fãs de cada um. Toda a sociabilidade pode ser acompanhada pelos demais participantes, um cotidiano mediado e vigiado que se apresenta. Uma vida feita para a tela do computador. Fabrício Ferrarez declarou em seu perfil que: “Bisbilhoto, futrico, mexo e descubro podre de todo mundo no Orkut mesmo... passei por seu perfil provavelmente e passarei de novo...”

O queremos ressaltar é que o Orkut, inserido em nosso regime visual, comporta dimensões fundamentais de nossa atualidade baseada no voyeurismo, na vigilância e na exposição da vida privada. Acompanhando o perfil da usuária Erica, a partir de 2007, ficamos sabendo de sua condição amorosa. Em 27/02/2007, ela declarou que: “apesar de quererem que o tempo seja progressivo e linear a minha vida é circular, acabo sempre voltando para um baixista do under graud carioca”. Era o começo de um relacionamento que tivemos a impressão de termos vivenciado junto com Erica seus sentimentos. Em 10/03/2007, Erica postou uma fotografia do namorado com o seguinte comentário: “Às vezes, eu me pergunto se debaixo dessa acidez toda existe doce. Pq vc sempre cola meus cacos até que eu fique hermética. E me comove, principalmente, pq eu nunca te peço isso. E vc vem e faz. Às vezes, eu me pergunto por que vc faz isso. E depois de muitos anos, eu entendi. Te amo, Charles Bronson.”. Em 16/04/2007, perto do fim de seu namoro, Erica escreveu que: “Somos livres, e este é o inferno”.

O mesmo impulso que leva Erica a expor sua intimidade publicamente atravessa a produção audiovisual contemporânea. Tal impulso comporta o binômio exibicionismo e voyeurismo, com forte interesse pelos dramas da intimidade. É recorrente a constatação do interesse contemporâneo em torno do biográfico, seja no boom de biografias

vivenciado pelo mercado editorial, na produção recente de documentários em primeira pessoa e até na consagração dos reality shows na televisão mundial.



Sophie Calle – fotogramas do filme “No sex last night”

A arte contemporânea também acompanha esse movimento, com trabalhos em que há uma indiscernibilidade entre arte e vida. A obra de Sophie Calle é toda pontuada por uma fabulação de sua vida e de suas memórias. A artista articula imagem e texto com o intuito de retrabalhar o vivido. Na série “True Stories”, Sophie Calle expõe fotografias suas com dizeres acerca de alguma experiência marcante. Como no caso de “The Plastic Surgery” em que a fotografia de seu perfil é acompanhada da história de que quando tinha 14 anos seus pais decidiram que ela precisava de uma cirurgia no nariz, coisa que só não ocorreu devido ao suicídio do médico dois dias antes da operação. O filme “No sex last night” aborda mais explicitamente a exposição de sua intimidade. Nele, Calle propõe a seu então namorado Greg Shephard, que desejava escrever um roteiro, uma viagem pelos Estados Unidos, onde a artista iria dar aulas. Cada um filmaria e comentaria o que se passava com eles durante esta viagem. Desde o início Calle demonstra interesse por seu

companheiro que não o retribui, resultando no título do filme que enfatiza a falta de sexo do casal na noite anterior. O filme termina, numa reviravolta, com o casamento deles em Lãs Vegas. Em seu último trabalho, exposto em 2008 e intitulado “Prenez soin de vous”, Calle volta a ter como tema sua vida amorosa. Após receber um e-mail de rompimento de seu amante, em que este se despede com o cuide-se do título, a artista o reenvia para 107 mulheres, profissionais de diversas áreas, tais como lingüistas, escritoras, fotógrafas, atrizes, sociólogas, astrólogas, entre outras, para obter seus pareceres profissionais sobre texto do amante. A obra se constitui pela reunião das repostas dessas mulheres.

A fotógrafa Nan Goldin, ao longo de seu trabalho, tem como objeto seu diário fotográfico, o qual retrata sem pudores a intimidade de seu grupo social. Em “I’ll be your mirror”, estão reunidas imagens suas e de seus amigos nas mais diversas situações cotidianas, envolvendo o consumo de drogas, sexo, festas e até uma fotografia sua após levar uma surra de seu então namorado. O que perpassa seu trabalho é a idéia de que falar de si é falar do outro, “eu serei o seu espelho” do título. Goldin faz uso dos snapshot, que para a artista é a forma mais amorosa de fotografia, enfatizando sempre que seu trabalho é sobre sua vida e de seus amigos. Goldin começou a apresentar seu diário fotográfico em meados da década de 70 em bares nova-iorquinos com projeções de slides e com trilha sonora de grupos com uma sonoridade punk como o The Velvet Undergroud. Assim, a artista apontava para uma narratividade, sempre retrabalhada a cada projeção, posteriormente em 1981, Goldin organizou suas imagens sob o título de “The Ballad of Sexual Dependency”. No entanto, permaneceu a vontade de contar com imagens a história deste grupo de artistas da geração pós hippie, de seus amigos travestis, da forma de moradia em apartamentos bagunçados, das festas, dos casamentos, mas também das perdas, do surgimento da AIDS.

A fotografia, a partir da década de 1980, voltou-se para o enfoque do cotidiano e para as narrativas do eu. No entanto, utilizando-se de estratégias diferenciadas das praticadas pelas vanguardas modernistas. O que estaria em jogo atualmente nessa produção fotográfica é uma aproximação ao realismo que ao mesmo tempo remete à impossibilidade de um real sem contágios, puro, esperando ser flagrado. São experiências, como as dos fotógrafos Philip-Lorca diCorsia e Cindy Sherman, que ressaltam uma concepção de real miscigenado, indiscernível sobre o que é verdade e

ficção. É uma forma de experimentar o real a partir de um dispositivo, que para além de seu aspecto tecnológico, contém o aspecto teórico, com níveis de enunciação e de visibilidade. Victa de Carvalho<sup>8</sup> nos sugeri que o trabalho de diCorsia, operando em torno do estranhamento de um real fabricado para ser visto, potencializa a idéia de que a experiência contemporânea está de tal forma contaminada por representações e discursos que o real não pode ser pensado de forma inocente, ignorando-se suas imbricações.



Cindy Sherman - “Stills cinematográficos sem título”

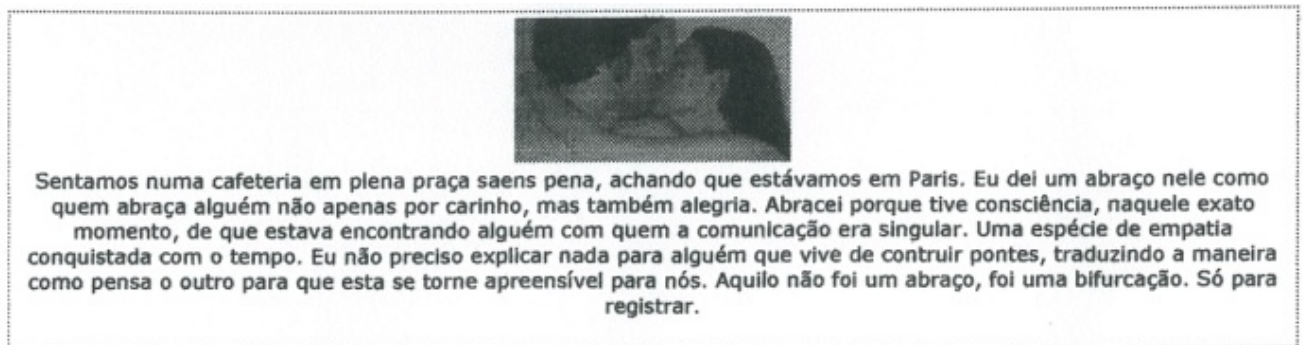
Cindy Sherman aborda a elaboração da identidade feminina e sua relação com a cultura cinematográfica, pornográfica, televisiva e da história da arte. Desde meados da década de 1970, a artista propõe, através de recursos retóricos e simbólicos, uma desconstrução em torno do sujeito. Trabalhos como “Stills cinematográficos sem título”, “Projeções num telão” e “Retratos históricos” compartilham da mesma poética em torno da produção de uma imagem da imagem. Outra característica compartilhada é a da problematização do auto-retrato, que no caso de Sherman pressupõe sempre ressaltar seu caráter de artificialidade. O trabalho de Sherman aponta que tanto a realidade quanto o eu

---

<sup>8</sup> Carvalho, Victa de. “Fotografias do dispositivo: por uma experiência do cotidiano”. Intercom 2006.

são moldados e codificados pela cultura. O nome “Stills cinematográficos sem título” indica sua estratégia, remetendo-se não a um filme específico, mas à cultura cinematográfica. A artista recorre à intertextualidade para acionar nossa rede sónica. São retratos baseados em filmes das décadas de 1950 e 1960. Sua proposta consiste em se reinventar a partir de estereótipos femininos encenados por tal tipo de cinema.

Esse elo inextricável entre identidade e imagem, encarnado na cultura contemporânea, encontra no Orkut mais um espaço para sua encenação. Nele podemos acompanhar o diário fotográfico de seus usuários, com suas viagens e festas, como também é um lugar em que as pessoas podem construir uma identidade nova para si, recorrendo inclusive às imagens da cultura midiática, como faz Erica com seu aglomerado de mulheres de Degas. O usuário Alisson Basílico declara que: “Quase nunca sou. Já fui uma xícara de café psicodélico, no momento estou punk e o movimento punk nunca há de morrer”, em referência as imagens que o representaram no site. Ou ainda na associação entre imagens e textos.



Imagens e textos retirados do Orkut da usuária Erica

Nossa hipótese consiste em apontar a convergência das estratégias da fotografia contemporânea com o uso das imagens na construção da identidade pessoal no Orkut no que concerne ao biográfico. Se a vida migrou de alguma forma para o campo da arte, encontramos também aspectos estéticos na construção de si no ciberespaço. Como no caso de Erica que investe na mistura de imagens e de textos para falar de si e da sua vida.

#### Referências bibliográficas:

Bruno, Fernanda. “Quem está olhando? Variações do público e do privado em weblogs, fotologs e reality shows”. In: **Limiares da imagem: tecnologia e estética na cultura contemporânea**. Fatorelli, Antonio e Bruno, Fernanda (orgs). RJ: Mauad X, 2006.

Carvalho, Victa de. “Fotografias do dispositivo: por uma experiência do cotidiano”. Intercom 2006.

Gagnebin, Jeanne Marie. História e narração em Walter Benjamin. SP.: Perspectiva, 2007.

Rose, Nikolas. “Inventando nossos eus.” In: Silva, Tomaz da. Nunca fomos humanos. Nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Sibilia, Paula. “Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica”. In: **Olhares sobre a Cibercultura**. Lemos, André e Cunha, Paulo (orgs). Porto Alegre: Ed. Sulina, 2003.

Taylor, Charles. As fontes do self. A construção da identidade moderna. SP: Ed. Loyola, 1997.

Tuckerman. I. “Michel Foucault, hoje, ou ainda: do dispositivo de vigilância ao dispositivo de exposição da intimidade.”. In Revista Famecos. N. 27. Porto Alegre, 2005.